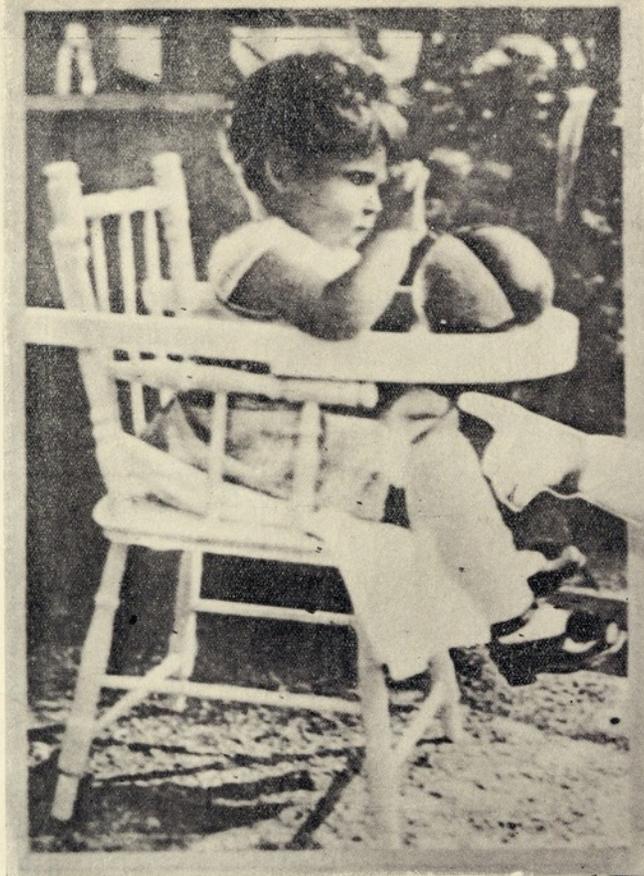
ANO I N.º 12
Número avulso 5$00

LOURENÇO MARQUES
15 de Setembro de 1933

O Ilustrado

Edição gráfica do NOTICIAS

Propriedade da Emprêsa Tipográfica
Director — SOBRAL DE CAMPOS
Sede — Praça 7 de Março

Um grupo de socios do Sporting levantando entusiasticamente quatro jogadores do seu "team" de honra, vencedor do campeonato da A. F. L. M.

ESCUTEM:
O dever de todos os pais...
é velar pela saude dos filhos!
Aproxima se o tempo quente, que depaupera as forças e deprime os organismos, principalmente o das creanças. Antes que ele chegue fortifiquem os seus filhos, dando-lhes todos os dias uma ou duas chavenas de
OVOMALTINE
que é a saude
AGENTES:
F. Bridler & C.a Ltd.
Caixa Postal 65
Lourenço Marques

Crónica da Quinzena

... E por aqueles que andam sobre as águas do mar...

E sobre as águas do mar, em demanda de terras de Portugal, lá vai um punhado de rapazes, um grupo moço de estudantes, saídos do Liceu desta cidade — meia duzia de mocidades prometedoras em busca do Futuro...

Lourenço Marques... Cabo da Boa Esperança... Mossamedes... Lobito... Luanda... S. Tomé... Funchal... Lisboa... Coimbra...

Mocidade! Mocidade! Na alma uma quimera aliciante, a borboleta alada das ilusões sagradas dos 18 e dos 20 anos, palpitações de azas no espaço limpido e tranquilo, esperanças navegando em mar de leite e rosas... No espirito, tocado já das aspirações práticas da hora de positivismo que decorre, o desejo forte de serem Alguem, a pressa de entrarem na Vida, um plano quási definido nas suas linhas gerais... Mais cinco anos, mais seis, mais sete — conforme os cursos — ei-los, possivelmente, de volta: médicos, engenheiros, advogados, professores...

Possivelmente de volta. Tudo o indica, que esta Africa — como alguem já o disse ou o escreveu — é como a cocaina... Quem uma vez a ela se habitua nunca mais a deixa. Ou, se a deixa, a ela torna, a seguir a uma efemera e suposta cura...

Como esses rapazes, fortes, sadios, alegres, tambem nós partimos um dia — não por mar, mas por terra; não numa viagem de quási um mês, mas apenas de algumas horas — de casa de nossos pais para a Lusa Atenas. Os mesmos sonhos no coração, a mesma fantasia multicor, o mesmo brilho no olhar, a mesma saudade funda a pôr uma mancha, uma sombra, na doidejante alegria da mocidade...

Passaram anos e anos... Desilusões, lutas, triunfos, de tudo um pouco: a vida... E os mares que esses rapazes vão cortando — certamente com saudades dos seus entes mais queridos, mas com a alma em festa pelo futuro que visionam e por que anseiam — tambem já nós os cruzamos, em sentido inverso, no mesmo barco que os leva, agora, a caminho de terras de Portugal...

... Que em boa hora vão e em boa hora voltem — os que tiverem de voltar — esses rapazes que andam, neste momento, por sobre as águas do mar!...

* * *

Os nossos jogadores de futebol marcaram mais uma brilhante posição perante a Africa do Sul. A seguir á recente e retumbante vitória da Selecção de Lourenço Marques em Joanesburgo — que com o devido relevo salientamos no ultimo numero do «Ilustrado» — temos agora a registar a vitoria de 13-0, com magnifico jogo, da Selecção, em Witbank, no encontro do dia 9 do corrente com o «onze» daquela cidade. Este novo sucesso da Selecção de Lourenço Marques, bem como a correcção e o aprumo de todos os seus componentes, tanto no jogo como fora dele, mereceram á opinião sul-africana os mais entusiasticos e merecidos louvores, devendo, portanto, este acontecimento desportivo e social encher-nos de justo orgulho e servir de incentivo aos desportistas locais para se manterem unidos e conservarem os creditos e o bom nome já conseguidos com tanto brilho. Nem só pelo tino politico e administrativo e pelo talento literário, cientifico e artistico um povo se impõe ao respeito e á consideração dos outros povos. No campo desportivo e no do aprumo moral tambem se evidenciam qualidades e meritos dignos de apreço. E a Selecção de Lourenço Marques, procedendo como procedeu, acaba de prestar-nos um serviço que não é justo deixar no esquecimento ou num plano apagado, no mesmo momento em que os nossos visinhos prestam á sua atitude, ao seu esforço e ao seu triunfo as devidas homenagens.

* * *

Hitler é contraditorio e dá-nos a impressão dum homem de Estado sem uma solida preparação, sem uma directriz definida, espirito impressionavel, sem estabilidade, procedendo á mercê de impressões e de movimentos impulsivos no meio da agitação que tem desencadeado...

Segundo um telegrama de há dias o governo alemão está preparando uma série de medidas de propaganda a favor do aumento da natalidade. Hitler quere, portanto, mais alemães no momento em que a Nação se debate numa grave crise economica e em que há uma gravissima crise de braços desocupados... Ao mesmo tempo Hitler pretende limitar, restringir essa natalidade, mandando esterilizar os considerados anormais. Seria interessante conhecerem-se as estatisticas — tão completas quanto elas possam ser — dos anormais a esterilizar (não falando ainda dos tuberculosos, sifiliticos, etc.) para se aquilatar da baixa da natalidade que tal medida poderá trazer ao povo alemão. Como seria curioso saber-se que numero de filhos necessitará ter cada casal de não esterilizados para assim se ressarcirem essas perdas e ainda se acusar um aumento de população... Seja como fôr — parece-nos — a propaganda a favor do aumento da natalidade cairá em campo esteril emquanto os problemas do desemprego e da falta de pão não forem prática e eficazmente resolvidos. A não ser que se queira aumentar o já hoje impressionante exercito dos desocupados, dos famintos e dos tuberculosos...

* * *

Vai uma luta acesa e renhida entre os cinemas desta cidade, cada qual primando por apresentar programas mais completos e filmes mais sensacionais. A publicidade desses programas tem atingido, nestes ultimos tempos, excepcionais proporções, havendo numeros de jornais com várias páginas inteiras de reclamo ás fitas que se vão sucedendo nos ecrans.

Pelas noites, como por ocasião das sessões da tarde — quando as há — multidões de automoveis estacionam nas imediações dos cinemas, dando-nos a impressão de que estamos vivendo numa grande capital com uma população dez ou vinte vezes maior; e as enchentes registam-se — nuns mais do que noutros, é certo — quási ininterruptamente, na ansiedade do publico de não perder as boas fitas de renome.

Poderá estranhar-se, talvez, que num periodo de grave crise, de baixa de vencimentos — que tanto alarme causou — com o comércio quási parado e asfixiado pelo excessivo crédito que abriu aos seus clientes, etc., haja dinheiro para manter assim, regorgitantes e pletoricas, as casas de espectáculo.

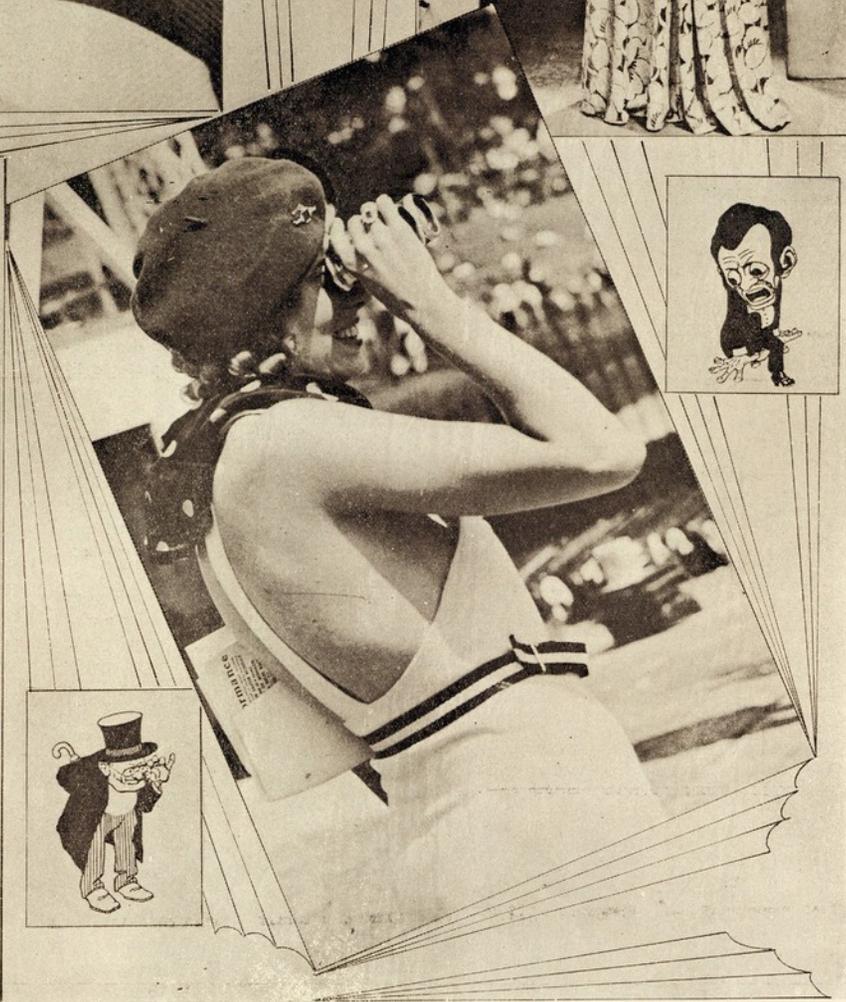
Mas, se pensarmos bem, se meditarmos com acerto no drama social que é a vida actual, não há nada que estranhar. Imprudencia? Inconsequencia? Insania? Talvez... Chamem-lhe o que quizerem... A verdade, porém, é que cada um procura — ainda que momentanea e ilusoriamente — esquecer o seu drama intimo, estrangular ou adormecer a tortura das suas absorventes preocupações (por vezes aflitivas)—mesmo á custa do agravamento dos seus problemas de amanhã, cada vez mais insoluveis.

Uns encharcam-se em alcool ou deixam-se entorpecer e anormalizar pelos estupefacientes... ou giram á roda da tentadora roleta... Outros, passam todos os dias aquelas horas no cinema para se alhearem da vida e de si proprios...

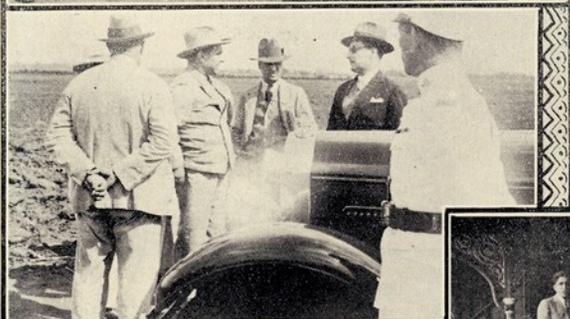
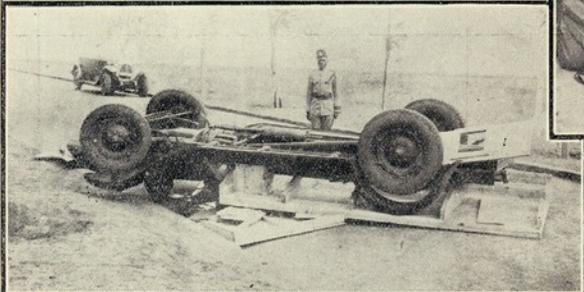
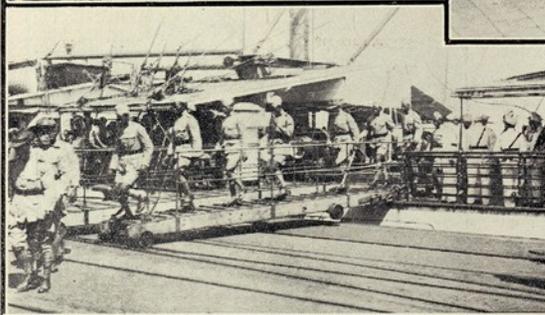
Á saída das casas de espectáculos — como á saída dos casinos, como logo que a acção dos estupefacientes e do alcool desaparecem — sentem mais profundamente a mordedura cruel do sofrimento. Mas não importa: na noite imediata lá estão caídos, neste ou naquele cinema, como que viciados, em busca de emoções ou de risos que os afastem do quadro sombrio das suas preocupações cotidianas.

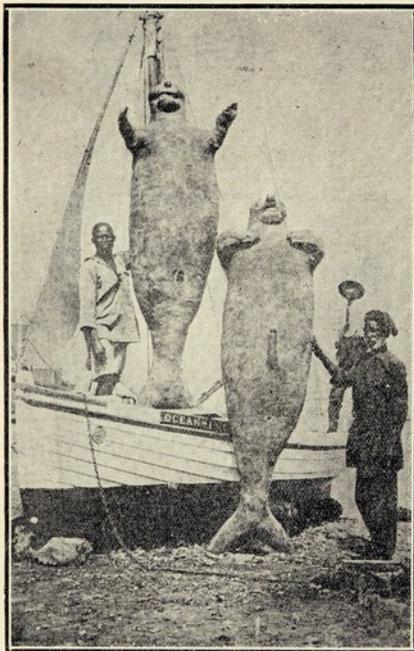
E é no seio desta verdadeira tragédia e á luz brilhante dum falso bem-estar, duma prosperidade e duma despreocupação inexistentes, que a luta entre as empresas cinematograficas se trava, acesa, renhida, sangrenta, implacavel!

A imensa maioria dos assiduos frequentadores de cinema é constituida pela horda dos torturados morais, dos triturados pelas engrenagens impiedosas da maquinaria economica, por aqueles que não têm dinheiro disponivel para gastar dessa forma — que o pagam sem o poderem pagar... Pois, na verdade, entre os torturados e batidos pela adversidade, raros são aqueles que encontram dentro de si proprios o tesouro de energias necessário para resistir ao vendaval, fazendo renascer das cinzas, constantemente, as esperanças mortas, e vivendo dentro dos limites mais apertados das suas possibilidades.

Para muitos, para quási todos os que assim não são, essa vida — seria a morte...

Da esquerda para a direita: *Bonet novidade. Esta «gamin» de suede é duma extrema elegancia. Completa-a uma echarpe de cores discretas. Modelo da casa «Rose Valois» de Paris. — Elegante vestido de noite em renda «Peau d'ange» com casaco. E' de grande novidade a pele sobre os ombros. Modelo da casa «Debenham & Freebody» de Londres. — Vestido de passeio, num «ensemble» de crepe coquiledro, com mangas longas. Guarnece-o uma especie de babete em pregas, que tambem é aplicado nas algibeiras. O casaco, três quartos, tem mangas de sino. Em azul marinho ou outra côr primaveril será de lindo efeito. Modelo da casa Debenham and Freebody, de Londres. — Costas nuas nas corridas de Brooklands. A onda de calor é a responsavel pelo aparecimento do maillot de banho tanto em terra como no mar. Vestido sem costas visto no Brooklands Track, em Agosto.*

ACTUALIDADES

Três aspectos da visita do sr. Encarregado do Governo, tenente-coronel Soares Zilhão, ao vale do Umbeluzi.

Um grupo de elementos das Forças Vivas da cidade de Lourenço Marques que ofereceu um almoço de despedida no Club-Hotel ao sr. Bento de Andrade, gerente do B. N. U., que ha dias seguiu para a Metropole.
Em baixo: Grupo dos empregados do B. N. U. tirado quando do almoço de despedida oferecido ao seu gerente sr. Bento de Andrade.

A' esquerda: Aspectos do desfile e desembarque da 53.ª C. I. I. regressada da sua expedição a Macau.

Em baixo: O camião que se voltou na estrada marginal na noite de 1 de Setembro.

Desponto no «deck», nessa manhã desagradavel, ventosa e parda, e dou de cara com a serrania escura, de picos sucessivos, lançados para o ar em cones estreitos, — terra de siena manchada de sombras aqui e além, com uma ou outra pequena construção a alvejar nos pincaros, de acesso, na aparencia, impossivel. Nem uma nota verde, nem jeito de povoados, — até que, na volta lenta do barco, vão-se descobrindo, sôbre fundo identico, em acanhado socalco junto ao mar, aglomerados de casario, o mais proximo de tipo incaracteristicamente cosmopolita, o de além de arquitectura exotica.

Estamos em Aden.

A cidade, vista de bordo, não tenta ao desembarque; mas o espirito do viajeiro contrai ao fim o vicio de ver tudo e tudo visitar conscienciosamente, sejam penedos sem expressão ou terras desoladoras, desde que uns e outras foram teatro de caso celebre ou motivaram menção de gente ilustre.

Para portugueses, Aden tem êste ultimo atractivo.

Camões, aí por 1555, embarcado como soldado para o cruzeiro na embocadura do Mar Vermelho, pairou diante destes morros, que lhe inspiraram a sua canção de introito descritivo:

Junto dum sêco, duro, esteril monte,
Inutil e despido, calvo e informe...

— e há que nos certificarmos de quanto o tempo retocou êste rispido retrato.

Nestas paragens, misturado com os chatins e a soldadesca, a bordo da nau quinhentista, a pairar minuscula e airosa onde o «Tanganjika» estadeia agora o seu vulto obeso de navio do século XX, — o poeta sofreu as suas costumadas penas de amor, e viveu um pouco da sua prodigiosa vida:

Aqui, nesta remota, áspera e dura
Parte do mundo...
Por que ficasse a vida
Por o mundo em pedaços repartida.

* * *

De automovel pela estrada acidentada, descubro, nas dobras dos morros, as povoações dos arabes, a dos judeus e a dos maometanos, com as suas arquitecturas típicas; visito as cisternas, entaliscadas nas vertentes abruptas, e que, em tempos, eram a providencia dos habitantes da região, onde, desta vez, por exemplo, há sete anos que não chove; atravesso os tuneis, perfurados na montanha, sob o fétido transito de camelos, que nos embaraçam a passagem e nos obrigam a uma «primeira» que resulta sufocante; e lançado, em fim, na planicie, bordejando as salinas, chego, já na orla do deserto, ao «settlement garden», fresco matiz de flores no dorso do areal.

Ás tantas, abanco no Grand-Hotel, na parte europeia da cidade, proxima ao cais. Calor asfixiante, e, sôbre a toalha, concorridas assembleas de moscas, indiferentes á toda a tentativa de expulsão.

Mais do que a comer, leva-me ao hotel o fito de ver as «mermaids» — as sereias, — de que o proprietário, o Sr. Fischstein, explora fornecida colecção composta de uma presuntiva familia da espécie, — pais e seus miudos.

Á leitura do aliciante réclamo do Grand-Hotel e suas maravilhas, o turista logo antevê o curioso espectáculo, — as sereias evolucionando, pitorescas, em ampla piscina propria para lhes preservar a vida; e, quási em sobressalto, recorda-se de que a lenda, no decorrer de milenios, apresentou êste animal sob as descrições mais lisonjeiras.

Outrora, o maritimo, regressado de longas viagens, pasmava os ingenuos com as histórias daquele «peixe-mulher» que, em meio da calmaria, ou na tempestade, surdia dentre o glauco e arrendado lençol das águas, entremostrava, tentador e coleante, o corpo alvo e escultural, de rosto invariavelmente lindo

A lenda e a realidade das Sereias

emoldurado de longos cabelos esparsos, e que, embalando os tripulantes com delicioso canto, os afastava do perigo ou os conduzia á perdição, quando não encetava, nos areais, com os naufragos, esquivas cenas de amor... anfibio.

A famosa lenda encheu a mitologia grega e romana, serviu a episodios de todos os poemas classicos, desde a Odisseia aos Luziadas e subsequentes, salvou, atravez dos tempos, muito poeta em dificuldades de estro, e muito novelista exaurido de concepções.

A tal ponto que o encanto e a gloria dela, ainda nos perturbam neste momento em que vamos conhecer de perto a realidade, pela mão friamente industrial do Sr. Fischstein.

* * *

Estão ao fundo da casa de jantar, ocultas por uma divisoria, para aguçar a curiosidade do visitante, e garantir a propina suplementar.

São quatro ou cinco exemplares, dois dos quais adultos.

O feitio do corpo é o da foca, mas de maiores proporções: o adulto deve ter de altura cerca de dois metros e meio. A cintura está delineada, os braços, curtos, terminam na altura da mão por uma barbatana, os orgãos sexuais apresentam configuração identica aos do genero humano, e a femea tem seios. A cabeça, de fronte perpendicular e saliente, olhos encovados, nariz chato e mal construido, boca larga e disforme, não apresenta grandes semelhanças com a do homem, — e não sei quanto do verdadeiro aspecto não terá sido avariado pelo improvisado embalsamador de Aden.

Porque, ao contrário do que faz supor o insidioso reclamo do Grand-Hotel e suas maravilhas, o turista não depara com as sereias vivinhas e a saltarem.

Não! Estão ali embalsamadas, erectas, hirtas, endurecidas pela palha grossa com que lhes atafulharam o arcaboiço, — assentes em caixotes forrados a papel de cores, arrumadas contra a parede, e escuras como mumias de faraós!

E ainda por cima, para rebaixar definitivamente a formosa lenda com as minucias da analise, o Sr. Fischstein, cinico explorador de tanta hediondez, reuniu a um canto razoavel sortimento de ossos avulsos, sob o cavilloso pretexto de facilitar a constatação das semelhanças flagrantes do esqueleto das sereias com o dos humanos.

* * *

Não é que, de há muito, viajantes esclarecidos não tivessem descrito com exactidão o monstro, embora curioso, que a fantasia pintava com tão belas como falsas cores; mas o gosto do irreal é tão apegado á indole dos meridionais e dos poetas, que não cede facilmente uma encantadora lenda, ainda que diante das piores decepções, e prefere esquecer que a verdade existe, só para garantir os vôos da imaginação.

Já nos finais do século XVI, Fr. João dos Santos, missionando nesta costa de Africa, vira os indigenas das ilhas das Bocicas, perto de Sofala, pescarem o «peixe-mulher» com grandes anzois e cadeias de ferro, para lhes comerem a carne adocicada; e na sua «Etiopia Oriental», impiedosamente revelou, com alguns traços curiosos, a fealdade do animal:

«A femea cria seus filhos a seus peitos, que tem propriamente como uma mulher... Da barriga para baixo tem rabo muito grosso e comprido com barbatanas como cação. Tem pele branca e alva pela barriga, e pelas costas aspera mais que a do cação... Tem a boca mui grande semelhante á boca de uma arraia, e os beiços mui grossos e derrubados, como beiços de libreu. Tem a boca cheia de dentes, como dentes de cão, quatro dos quais, que são as prezas, lhes saem

fora da boca quási um palmo, como dentes de porco javali...

Tem as ventas do nariz como as de um bezerro, mui grandes.

... Este peixe não fala, nem canta, como alguns querem dizer; sómente quando o matam dizem que geme como uma pessoa; não tem cabelo no corpo, nem na cabeça. Tirado fora da água morre como qualquer outro peixe, mas põe muito tempo em morrer se o não matam».

E por fim, como se não bastasse o cruel realismo do padre dominicano, veio a Ciencia com as suas habituais coscovilhices e classificações; e, toda avessa a poesias, escondeu, de uma vez para sempre, a sereia sob a dissonante alcunha de «Dugong» do Oceano Indico, ou «Halicore Dugong», pela qual passou a designá-la nos cartapacios.

* * *

E a sereia, corrida de vergonha e de desgosto, resolveu desaparecer.

Desde há algum tempo, parece constatar-se, na costa de Moçambique e por toda a parte, a gradual extinção da espécie; e os museus pagam por bom preço os exemplares que se encontram.

Com a sereia desaparece tambem o antigo vigor da inspiração poetica.

Outrora, o poeta não se estarrecia nem fugia, perante a boca de arraia, os beiços de libreu, os dentes de porco javali e as ventas de bezerro de qualquer sereia; pelo contrário, tomava a lira e, enlevado, num instante travestia tudo com a mais fantasiosa das patranhas.

O poeta de hoje, mais pratico, mais esgotado, fica-se nas sereias de cabelo á rapaz, e dispensa-se de esforços de imaginação para encobrir alheias imperfeições fisicas. O mundo está assim, egoista e utilitario, mesmo nos dominios da poesia, — e só nos resta esperar que a molestia passe!

* * *

Volto para bordo. A presciencia, quási divina, dos grandes poetas, imprime, por via de regra, aos seus conceitos uma vida eterna. Ainda hoje em Aden, há o «sêco, duro esteril monte» de há quinhentos anos.

Até nisto: aqui se ajuda a destruir uma lenda deliciosa, e nada se nos dá em troca de igualmente belo.

António de Sousa Neves.

ARQUIVANDO O PASSADO...

A nossa gravura mostra-nos um grupo de pioneiros, tirado na margem do Umbeluzi em 1897. Nesse tempo... um passeio ao Umbeluzi era qualquer coisa de interessante que que ficava registado no espirito de todos Os... excursionistas, que foram transportados no rebocador da Casa Allen Wack, eram os seguintes: 1, Eugen Herzog, gerente da Casa Fabre (falecido); 2, Moreira de Brito, Alfandega (falecido); 3, Alfredo Camilleri (falecido); 4, Gaspar Pizarro Porto Carrero; 5 J. Merson, gerente de Allen Wack & Co. (falecido); 6, José Val Ribeiro, C.F.L.M. (falecido); 7, Alex Vebel, comerciante (falecido); 8, Blackwood (falecido); 9, Burt C. Mueller, comerciante (falecido); 10, Augusto da Silva, Correios (falecido); 11, Alferes Matias da Fonseca; 12, Alferes Vieira Carneiro falecido; 13, Isaac Benoliel (falecido); 14, Delfim Lopes Revez (falecido); 15, Roberts; 16, Adrianopoulos (falecido); 17, Max Brucheim (falecido; 18, E. Torre de Vale falecido; 19, Eugenio de Silva, Correios, falecido); 20, Chevalier (falecido); 21, Monjardim da Costa, C.F.L.M. (falecido); 22, Anahory (falecido; 23, D. Pedro Chichorro.

CONTO AFRICANO

Ao Carlos Selvagem

Margarida era uma preta alta, bem feita, com uns dentes brancos muito iguais, sempre tratados com todo o esmero.

Faltava-lhe um dos dentes de cima, que tencionava pôr em Lourenço Marques, em ouro, quando juntasse umas libras.

Passagem não pagaria; de Inhambane a Lourenço Marques era perto; metia-se a bordo ás escondidas, e depois, se fosse apanhada, o comandante do vapor era pessoa amiga e não lhe havia de fazer mal...

Arranjaria a bôca e voltaria pelo mesmo processo.

Assim pensava a boa rapariga, não se importando de contar os seus projectos a quem poderia impedi-la de os realizar.

Mas emfim; era uma prova de confiança que dava, a quem por ela tinha certa simpatia.

Sempre que me encontrava, aparentava um ar de muita satisfação; muitas vezes me dizia que gostava de conversar comigo.

Era amavel, gentil mesmo, e na sua maneira de falar, empregava muito o «coração».

Meu coração diz que sim, meu coração diz que quer...

Falava muito de Lisboa; tinha lá estado com uma familia, que a levara como criada de uma menina branca, muito lindinha, cabelos louros, que parecia mesmo «uma boneca da loja».

Sentia saudades dessa terra, onde nem todos podem viver sempre.

Seu coração tinha vontade de lá voltar; talvez sua menina a conhecesse ainda, e lhe desse lugar na sua casa. E ás vezes, absorta em seus pensamentos, lembrando-se do que vira há tanto tempo, recordando os teatros, os cinemas onde fôra, o movimento das ruas, aquela casa grande onde morava, cheia de conforto e de luz, quedava-se a contemplar o céu, num redemoinhar de recordações várias, sentada á porta da sua palhota pequenina, redonda, onde o chão era de terra e as janelas só de pau!

Outras vezes entretinha-se a falar com as vizinhas, mas não se interessava muito pelas suas conversas.

Quando o acaso lhe deparava alguem «de lá», daquela terra de brancos, onde ela andara tambem, bem vestida e calçada, muito elegante no seu vestidinho azul com avental branco, falava-lhe de Portugal, das terras que percorrera, e as palhotas em roda, as palmeiras, as vizinhas ás portas a cozinhar aquele peixe sêco com arroz de caril, aquela vida do bairro indigena, gente, galinhas, porcos e cães vadios a ladrarem a quem passa, infundia-lhe uma tristeza que não podia esconder, porque, por vezes, aqueles olhos tão lindos humedeciam-se-lhe, e para disfarçar dizia que lhe lembrava «o seu senhôra».

A patrôa mandara-a de facto voltar á sua terra, porque crescera e metera-se de amores com um padeiro que morava em frente e que tocava harmonium...

— «E senhor sabe, ele tocava tão bem!

— «E tu gostavas dele?

— «Sim senhor, gostava muito!

— «E ele não teve pena de te ver partir?

— «Sim senhor teve; foi ao cais quando vapor saiu, mas gente era muito e depois perdeu-se e só tornou a ver quando navio largou...

— «Não faz mal; ele ficou no terra d'ele, eu voltou para a minha!

— «Mas meu coração gostava de voltar lá!

— Margarida, tens razão; aquela terra é boa e faz saudades.

E a pobre rapariga, com o olhar fito no vago, disse tam baixinho que mal se ouviu:— Ai Margarida, Margarida vai á fonte...

— Quê, ainda te lembras disso?

— «Lembra sim senhor; meu rapaz tocava e cantava tudo muito bem. E a provar o que dizia, começou a cantar os primeiros versos, com uma entoação de muita saudade.

— Tu percebes o que cantas?

— «Sim senhor percebe; só faz confusão o que quer dizer «Brotam lirios pelo monte...

E então tentei explicar-lhe: — Brotar, nascer, o monte, aquela montanha que se via ao longe toda coberta de flores...

— «Sim, já percebe bocado; eu já não sabe falar bem português... E uma vaga de tristeza voltou a envolver-lhe o semblante, onde brilhavam aqueles olhos negros tão bonitos!

— E sabes o que é a cantarinha?

— «Sim senhor, sabe muito bem!» e explicando, provou que voltara á terra onde nascera, donde nunca devia ter saído.

— «Sim senhor sabe; o cantarinha é o panela!...

... ...

Despedi-me pouco depois, daquela preta alta, bem feita, com uns dentes brancos muito iguais, sempre tratados com todo o esmero...

Atravessei rapido o bairro indigena, onde a sua palhota sobresaia, porque era redonda, de paredes caiadas e só coberta de capim.

Uma vez na estrada que vem á vila, parei e olhei para traz.

Ela lá estava á porta, a acenar, desejando-me «Boa viagem»!

Pobre rapariga! mais valera não teres ido a Lisboa, para voltares a viver num bairro indigena que cheira mal, e que á noite por vezes só tem a iluminá-lo a luz da lua, a lua dos poetas

A lua a palida amante
Rainha das Beatrizes
... ...
... ...

Agosto 1933.

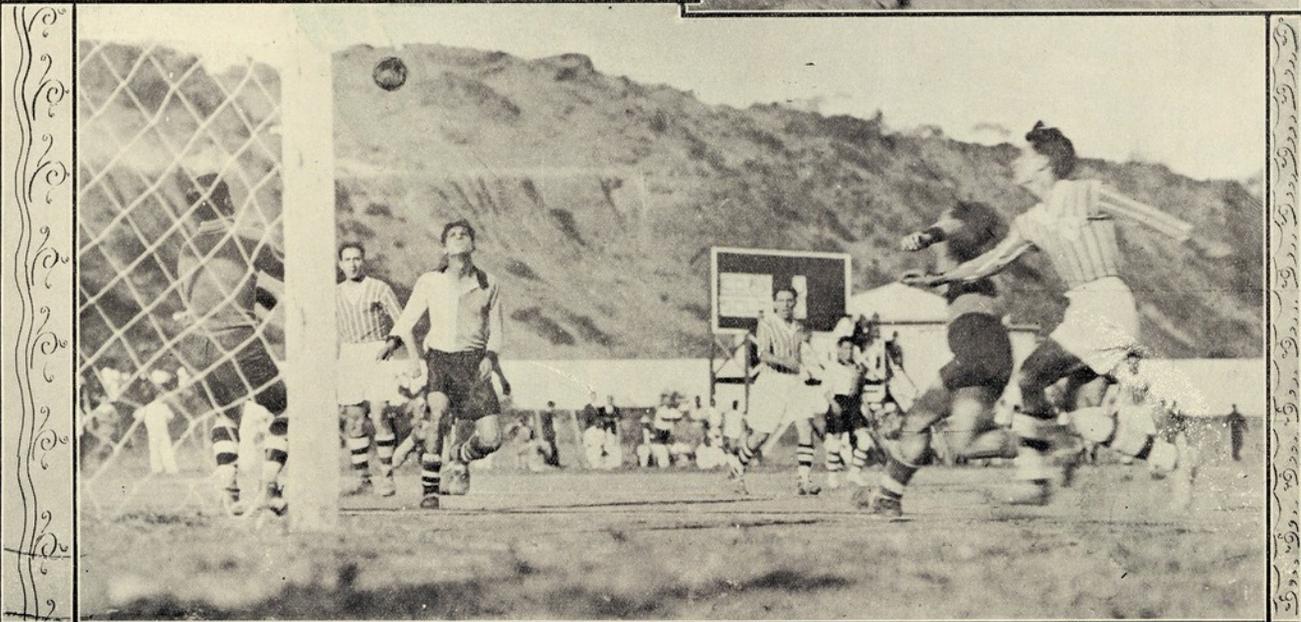
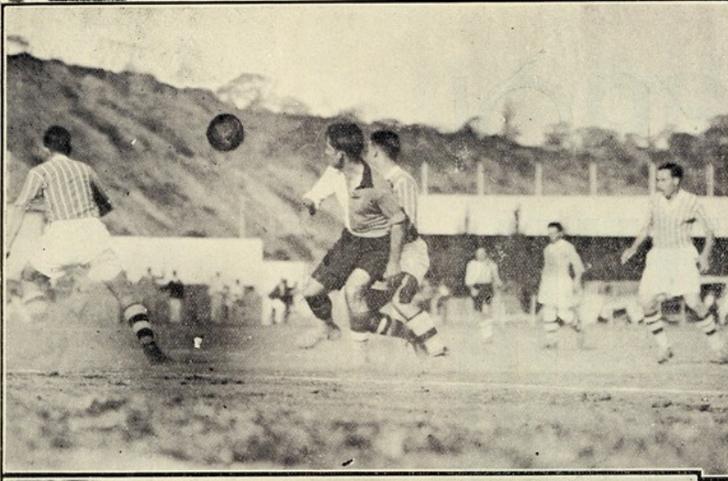
G. C. Oliveira.

Tanto fogo... e tão pouca agua!

Artur Augusto, Antonio Barreiros, Francisco Rodrigues (Jusa), Antonio Andrade, dos Santos, Sergio

Alfredo Quintião, Antonio Simões, Amaro Parreira, Antonio Barradas, Liberto Domingues e A. Pinto.

Campeonato de Futebol

Algumas fases do ultimo desafio entre o Sporting e o Ferro Viario para a disputa do Campeonato de Lourenço Marques, de que saiu vencedor o Sporting por 2 0.

Estrelas e fitas

O Medico e o Monstro

(Dr. JEKILL and Mr. HYDE)

um filme PARAMOUNT

Entre os filmes que mais têm impressionado as plateias de todo o mundo, está num dos primeiros lugares «O médico e o monstro», que a Paramount produziu sob a direcção de «A Rouben Mamoulian», e que Frederic March, um dos melhores artistas dos palcos de Broadway e a dentro do cinema de todo o mundo um dos melhores valores, interpretou.

«O médico e o monstro» é uma historia curiosa, original, impressionante.

Contêmo-la em poucas linhas:

O Dr. Jekill é um médico ilustre, novo, elegante, com um futuro prometedor e que traz a vida florida por um grande amor. Mas êste homem culto, inteligente, tem e defende a estranha teoria que é possivel destruir pela ciencia médica o «ser mau» que em todo o homem se alberga. E obcecado por esta teoria entrega-se a aturados estudos no seu laboratorio, descurando os seus afazeres, na ansia, cada vez maior, de descobrir a «sua formula».

Eureka! A sua persistencia e o seu saber dão-lhe o triunfo, e a formula ambicionada, a formula que o faria celebre, e feliz a humanidade, é descoberta. E nele mesmo faz a experiencia, ingerindo, voluptuosamente, a poção maldita que o transforma num ser horrivel, hediondo.

Surge então o Dr. Jekill, sob a mascara de Mr. Hyde, que se entrega a extraordinárias aventuras criminosas, a orgias e deboches inconcebiveis. E uma noite, com requintes de crueldade e de raiva, mata uma linda rapariga de nome Yvy, que tinha sido sua cliente quando ele era o respeitavel Dr. Jekill.

Numa tortura espantosa pela sua dupla personalidade, sufocado com o segredo que o aniquilou e só ele sabe, resolve um dia apresentar-se em casa da noiva sob a personalidade de Dr. Jekill, para quebrar o compromisso de casamento. Mas ao chegar á rua, ele sente, sem poder defender-se, que o «seu ser mau» volta a dominá-lo, e novamente retoma a personalidade hedionda de Mr. Hyde, e novamente volta a casa da noiva, que louca de terror grita por socorro. Corre em seu auxilio o pai, o general Carew, que Mr. Hyde derruba, acabando por lhe dar pontapés.

É pedido o auxilio da policia, que cerca o laboratorio, mas só encontra o ilustre médico Dr. Jekill. Porém um seu amigo, que acaba de chegar, informa a policia que ele é Mr. Hyde, que procuram. Descoberto, novamente dele se apossa a personalidade de Mr. Hyde, e cruel, horrivel, lança mão duma faca para matar o amigo, mas é morto a tiro.

Frederich March para interpretar esta estranha personalidade ia ficando cego e sofreu torturas horriveis com a dentadura postiça. A sua saude ressentiu-se profundamente e durante bastante tempo não pôde trabalhar.

As transformações são operadas á vista

do publico, devido a «truc» de fotografia, tornando esta pelicula uma das mais se não a mais impressionante das filmadas até hoje.

«O médico e o monstro» é a maior chicotada que os nervos dum espectador podem sofrer em cinema.

VIDAS INTIMAS

Uma encantadora comedia, que é uma caricatura a certos lares e uma lição para os noivos.

Realisação de SIDNEY FRANKLIN

Uma produção da «METRO-GOLDWYN-MAYER»

PRINCIPAIS INTERPRETES

Amanda — NORMA SHEARER.
Elyot — ROBERT MONTGOMERY.
Victor — REGINALD DENNY.
Sibil — UNA MERKEL.
Oscar — JEAN HERSHOLT.
Bell Hop — GEORGE DAVIS.

ARGUMENTO

Amanda e Elyot, dois jovens de espirito irrequieto, casados havia dois anos, não tinham tido nunca um dia de verdadeiro sossêgo. Amavam-se. Isso não impedia porém que ao mais leve pretexto se sentissem feridos no seu amor próprio, nas suas susceptibilidades. E então começavam as discussões, as eternas discussões em que se esquece a correcção e as injurias fervem. Claro que com uma tal vida era natural que esses dois anos passados, os esposos não tivessem mais que uma ambição: verem-se livres um do outro.

E pronto. Meu dito meu feito. Na América é assim. Divorciaram-se. E imediatamente

(Continua na página 236)

Nudismos...

Pelo nudismo? Contra o nudismo? Que diz o leitor?... Que pensa a leitora?... Nós não pensamos, nem dizemos nada. Por covardia? Não. Unicamente... para não errarmos...

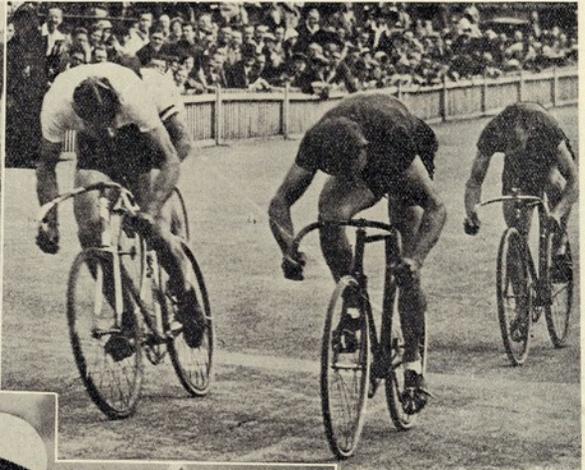
Aqui têm os leitores, numa das nossas gravuras, um bando alegre e sadio de pequenos nudistas que, sem se preocuparem com as autoridades balneares, estão tomando o seu banho de sol, preguiçosamente estendidos na areia. A outra gravura apresenta-nos uma forma, talvez um pouco excentrica, mas muito moderna, de realizar um casamento... São dois noivos de Los Angeles que, rompendo a tradição, fizeram celebrar o seu casamento, em trajos... desportivos, numa pequena cabana perdida na floresta. Acompanha-os um gracioso Cupido, poderosamente armado, que divertiu imenso os convidados.

Pegará a moda?

Ora aqui está um novo emprego rendoso para uma criança: servir de Cupido...

Não faltará muito tempo para vermos nos jornais este anuncio: «Cupido, precisa-se para casamento ao ar livre». Ou: «Cupido, oferece-se, etc.».

Que maiores surpresas e novidades nos trarão estes curiosos tempos de nudismos e futurismos?!...

Desportos no estrangeiro

EM CIMA, á esquerda: Em Friston-on-Sea, Essex, os numerosos concorrentes ao torneio de tenis, juniors, saudam o organisador antes do inicio do concurso. A' direita: O «sprint de outono», 550 jardas, em Londres. Charles Rampelberg, o campeão francês, ganha por pouco, seguido de dois ingleses.

AO CENTRO, á esquerda: A abertura do IV Jamboree, em Budapeste. O chefe dos Escoteiros, Lord Baden Powell, ao lado do regente da Hungria, arenga a 30.000 escoteiros, de 42 nações. A' direita: Miss D'Arcy Defries, que capitaneou o «team» de Brighton no primeiro encontro do polo «all-women».

EM BAIXO, á esquerda: O 3.º Gran Bretanha-Alemanha em Atletismo. Borchmeyer, o campeão germano, ganhando as 100 jardas em 10 s. A' direita: A favor dos cegos, em Canvey Island: uma parodia futebolistica num atoleiro de lama, número que é julgado como de muito espirito!...

se casaram, por despeito: ela com Victor e Elyot com Sybil, uma menina muito sonsa, possuidora de um temperamentosinho... de louvar a Deus e que além disso tinha a faculdade de chorar copiosamente de cinco em cinco minutos.

Os casamentos de despeito são mais vulgares do que muitos imaginam. Nunca nenhum trouxe a felicidade. Bem se esforçam os conjuges por dar provas cabais dum amor que estão longe de sentir. O acento das frazes não convence, os protestos de ternura soam falso...

Ora os nossos dois casais vêm por coincidencia, a encontrar-se no mesmo hotel e em quartos contiguos, passando a sua deliciosa lua de mel... Não tarda que Amanda e Victor se zanguem (Amanda é excessivamente impertinente) e que Elyot e Sybil disputem. As vozes vão subindo de tom, as ofensas chovem como granizo...

Amanda e Elyot vêm á varanda dos seus respectivos quartos.

Reconhecem-se. Sorriem. E ali mesmo começam a recordar as horas felizes do tempo em que eram casados, esquecendo todas as zangas que as acompanharam.

Victor e Sybil tambem se encontram. E como Victor tem sérios motivos para pregar uma partida á sua irritante esposa, começa a fazer a corte á vizinha de acaso...

Amanda e Elyot fazem mutuas confidencias. Foi uma desinteligencia que os separou. Está provado que se adoram. Está provadissimo que o seu recente casamento foi uma loucura. E deliberam fugir.

Vão para um «chalet» nas montanhas, pertença de Elyot, reviver os ternos idilios de outrora no meio das belezas da natureza... mas os abandonados, Victor e Sybil, irrompem, e então...

Não sabemos como a historia acabará. Mas é muito provavel que Amanda e Elyot nunca mais se separem. Discussões não hão-de faltar. Mas qual é o casal em que essas discussões não fazem parte integrante da vida de todos os dias? E quere-nos parecer mesmo, que no dia em que Amanda não tivesse pretexto para fazer uma cena de ciumes a Elyot, ou se passasse uma semana em que Elyot não agredisse a sua respectiva consorte pela sua vaidade irritante, teriam estes esposos deixado definitiva e irrevogávelmente de gostar um do outro.

Um filme de costumes mundanos

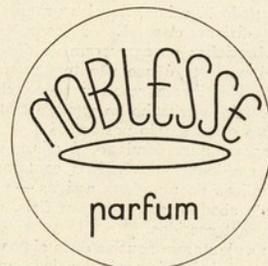
VIRTUDES MODERNAS

Admiravelmente interpretado por **Joan Crawford** e **Clark Gable** e produzido pela «Metro-Goldwyn-Mayer» Realisação de **Harry Beaumont**

As liberdades perigosas dadas ás raparigas de hoje. O caso duma joven milionaria que, de um dia para o outro, se vê sem dinheiro. «As virtudes modernas» são os excessos da educação livre, aproveitados «utilmente» como experiencia para uma vida nova.

ELIZABETH ALLAN — estrela da Metro-Goldwyn-Mayer

Produtos de Beleza

SILVA & FERREIRA, Suc.: distribuidores para toda a Colónia

Henriqueta

— Até á noite, Henriqueta, e que Deus nos guarde... Quem anda pelas serras, sósinho, nestes traiçoeiros dias de inverno, muitas coisas tristes pensa, muitos perigos corre... Se ao menos te pudesse trazer comigo, e estivesses juntinha ao meu peito como um cabritinho manso... —

Isto dizia um pastor de gado á sua mulher, na hora indecisa dum amanhecer cinzento de Dezembro. E ela ficou-se á porta da sua choupana, a olhar o marido, que tambem a olhava, emquanto ia subindo o caminho estreito e pedregoso que o levava á montanha. Naquele dia, mais do que nos outros, Henriqueta o olhou até o perder de vista.

Tinham casado havia poucos meses, e ambos se queriam como ás meninas dos seus olhos. João era forte e belo, e ela a mais loira e graciosa rapariga daqueles sítios. E tinha uns grandes olhos azúis de faiança antiga, duma suavidade enternecedora.

Em pequena, porque seus pais, — o Sr. Birra e sua mulher — eram muito pobres, logo de manhã cedo, os pésitos descalços, alvos, como duas folhas de lirio branco, ela percorria a vila, aonde ia vender o leite, que era toda a riqueza daquele casal. Henriqueta, logo que terminava a sua tarefa, de infusa á cabeça, e um saquinho de chita clara no braço onde levava o dinheiro apurado, corria para casa, que era na encosta da serra, junto a duas grandes rochas. E na sua choupana mal aconchegada, quási a cair de velha, a porta tinha uma fechadura tão ferrugenta — que eu, menina nesse tempo, em que Henriqueta tambem o era, — toda me afligia, pensando que os lobos sabiam abrir as portas mal seguras e iriam comer o Sr. Birra e sua mulher, e a Henriqueta e as suas lindas tranças doiradas...

E lá iam vivendo naquela miséria, o casebre muitas vezes no inverno alagado pelas enxurradas, que vinham lá de cima, num estridor que abalava tudo e lhe molhavam os tristes farrapos com que se vestiam, com que se agazalhavam... Dias e dias sem lume, tendo por ceia umas côdeas de pão duro e o gado no curral a balar de fome... Mas vinha o verão, e tudo mudava: — a casa tinha sol que lhe entrava pela porta dentro, até pelas fendas do telhado rôto. Os rochedos negros faziam-se verdinhos de musgos e a roseira, de rosinhas de toucar, toda se estendia pelas paredes, florindo a pequena morada como uma ermida em festa, e os cabelos de Henriqueta, quando brincava ao sol, faiscavam oiro, e os olhos tomavam a côr límpida e serena do ceu de estio.

Um dia, sem doença, sem o esperarem, o Sr. Birra morreu; e mãe e filha ficaram perdidas de tristeza e desamparo. Quem lhes levaria o gado lá acima, áquelas grandes montanhas, diziam elas. E os corações das duas pobrezinhas ennegreceram de dôr. Mas, como só a morte é que não tem remédio, o noivo de Henriqueta resolveu tudo pelo melhor, levando o rebanho ao pasto e tratou do casamento o mais cedo possivel.

E casaram num domingo, á missa d'alva, — onde em louvor dos noivos cantaram vozes cristalinas de raparigas amigas — entre a benção do abade e as preces dos fieis, que os olhavam enternecidos.

Assim se juntaram aquelas duas almas puras e inocentes, cheias de amôr e enlevo um pelo outro. E até áquele dia em que deixamos Henriqueta á porta a olhar o marido, que conduzia o rebanho á serra, tinham sido muito felizes, não ambicionando mais do que o que tinham: — o grande afecto que os unia, o rebanho e o seu quintalinho de macieiras. Nunca a sua vista e o seu pensamento se tinham alongado para mais além... E assim, serenos e amantes, gozavam uma perfeita ventura...

Naquele amanhecer cinzento de Dezembro em que tão saudosos se despediram, um forte nevão começou a cair logo que o pastor chegou ao sítio das pastagens, muito longe da povoação. E em breve todos os caminhos estavam cobertos, tudo em redor branco... só branco... Os horizontes perdidos... e um silencio inquietante...

Henriqueta, á porta da sua casa, esperava anciosa o marido, que com certeza, — dizia ela, — não deveria tardar, em vista da tempestade... E acendeu uma grande fogueira para quando ele chegasse ter calor e conforto... Na lareira o fogo vivo crepitava; o caldo fervia no pote de ferro; e as castanhas estalavam no borralho. Ela, contente, aconchegava tudo, para quando o João viesse... Num vai vem, ia da cosinha para a porta e da porta para a cosinha... Mas as horas iam passando e ele não se via... Punha o ouvido á escuta, tentando ouvir o chocalhar do rebanho; gritava alto, chamando-o... mas nenhum rumor se ouvia; só a neve a cair, a envolver tudo...

E a angustia começou a tomá-la, a rasgar-lhe o coração... De repente ouviu um som arrepiante, — um uivo de lobo, — e sentiu aquele medo que desde criança, e já depois de casada, tantas vezes a assaltava... Atraz daquele uivo, muitos outros se ouviram; — naquele fim de dia em que tudo era pálido como um sudário e frio como a rigidez da morte...

E numa correria louca, caindo, escorregando, Henriqueta, começou a subir o caminho da serra chamando pelo marido... E a neve que continuava a bailar, ia-a cobrindo de flores miudinhas... A sua voz dolorosa a pouco e pouco ia-se sumindo, perdendo... e a sua amargurada figura já se não via...

... ...

A mãe de Henriqueta correu á povoação a pedir auxilio. Os seus olhos dilatados de pavor, as suas mãos trémulas, suplicantes, pediam socorro, — que lhe fossem salvar a filha e o genro...

Em busca dos dois desgraçados, pela noite escura, foram muitos homens destemidos, de espingarda ao hombro, para defrontarem as féras. E no topo das serranias, naquele deserto sem caminho seguro nem abrigo, o unico sinal de vida que eles ouviam, eram os uivos das feras... E esses homens fortes, habituados ás tempestades, ás rudes lutas, tremiam ouvindo aquelas vozes que lhes falavam de carnificinas, de corpos despedaçados... Cambaleantes, as crossas de palha cobertas de neve, batidas pelas luzes fumarentas dos archotes, davam a impressão de fantasmas faiscantes, indo em bando macabro ao festim dos lobos.

Era quási ao alvorecer, quando a neve cessou; e eles aconchegando-se uns aos outros, atiçando os archotes, a que se aqueciam, para ali ficaram estarrecidos, calados, em modorra sinistra, até que o dia chegou, entre a bruma do nevão. E de novo se puseram em marcha pesquisando a montanha; mas só no fim de muitas horas, porque andavam por caminhos errados, encontraram um casaco esfarrapado e uma mancha de sangue — como fogo vivo a arder sobre a neve.

Aquelas criaturas que pareciam talhadas em ferro, insensiveis... olhando para o sinistro achado, estremeceram... «— O casaco era de João» — Tomados de dôr, grossas lágrimas lhes cairam pelas faces vincadas e denegridas pela miséria e pelos trabalhos... — Levantaram o casaco e dai seguiram em procura da mulher daquele desgraçado de quem só restava um triste farrapo e uma mancha de sangue sobre a neve, a gritar mil angustias...

— O nevoeiro foi-se espalhando, assim como as nuvens esbranquiçadas; — e o sol começou a dardejar sobre a grande alcatifa branca, indo-a derretendo, deixando ver a terra negra. E como nem mais roupas nem corpos despedaçados encontravam, voltaram em direcção ao povoado, sorrindo-lhes a esperança de que talvez Henriqueta estivesse salva...

E já quando se avistava a aldeia, e, na encosta, a casa do pastor, toparam entre uns fraguedos com um sapato e um pé dentro dele. Horrorisados, viram que era um daqueles pésinhos de Henriqueta que, quando corriam descalços pelas ruas, pareciam duas folhas de lirio branco...

Faro, 8-7-933.

Margarida Guerreiro.

LONGEVIDADE

Zara Agha, cidadão turco nascido em 1774, contando pois a bonita idade de 159 anos.

Zara Agha foi um combatente da guerra turca contra Napoleão.

ESCULTURAS

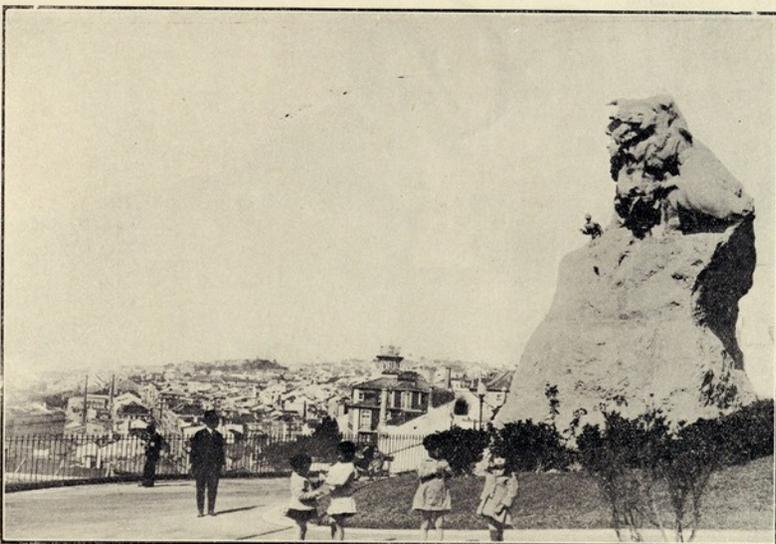
Duas alegorias

No miradoiro do Alto de Santa Catarina e no terreiro do Cais do Sodré, na baixa do aterro marginal, miradoiro, e terreiro, ambos olhando as águas correntes do Tejo, que pelos pés de Lisboa passam no caminho do Mar, levantam-se, — obra de poucos anos —, duas esculturas, duas alegorias.

Uma, a escultura do Alto de Santa Catarina, traça uma lenda, a lenda do «gigante Adamastor», que Luiz de Camões cantou nos seus Lusiadas, «o horrendo, feio, ingente e temeroso», que entre o mar do Atlantico e o mar do Indico, detinha escunas e caravelas, rugia aos navegantes, altivo, herculeo e cruel. Era o Cabo das Tormentas.

Ali, passou um dia, vinda do Restelo, a nau «S. Gabriel», de velas brancas enfunadas, onde o vermelho das cruzes de Cristo escreveram as bençãos duma bonança e a fé dum destino, levando a bordo o comandante da intemerata esquadra portuguesa, que foi o almirante do mar das Indias, Vasco da Gama, singrando «por mares nunca dantes navegados», na demanda da India.

Essa alegoria — «o Gigante Adamastor», que se ergue em Lisboa no Alto de Santa Catarina, foi esculpida por Julio Vaz Junior, e inaugurada em Junho de 1927.

É um grande bloco de pedra, abrupto como as rochas do Cabo das Tormentas na iminencia dos Oceanos, bloco onde o escultor, inspirado num episodio do poema do nosso epico, cantor de glorias nacionais, retratou a cabeça da «lendaria» figura desse lendario Tigre do Mar, monstruoso, enorme, arrogante e dominador, de «barba esqualida e de dentes amarelos...», espreitando o «homem» pequenino, muito pequenino, a par da sua estatura gigante, o homem que o defrontou e que o venceu!

A outra escultura, a do Cais do Sodré, «Ao Leme», é apenas uma alegoria, devida ao talento do grande escultor Costa Mota, sobrinho.

Alegoria, apenas, mas cheia de verdade, nas linhas como na idea.

É um velho lobo do mar, afrontando a porcela, de pulso rijo, domando, de mão no leme, o seu humilde batel, a que as ondas agressivas dum temporal pretendem mudar o rumo, talvez dando-lhe a rota da morte.

Fica bem, no Cais do Sodré, esta alegoria, que ali se colocou em 1922; fica bem porque fica frente ao Tejo, por onde passam tantas companhas de pescadores, tantos marinheiros humildes, barra fora, na luta da vida, no interesse dos seus lares, em busca de remunerações parcas, e, quanta vez, da morte.

O outro monumento fica igualmente bem em Santa Catarina, lá no cimo do miradoiro, dominando o Tejo, dominando as águas da barra, olhando a porta de Lisboa que abre para o Atlantico, a porta por onde sairam as naus do Gama ao encontro do «Adamastor».

O alto de Santa Catarina, que a primeira das nossas gravuras reproduz, é uma das janelas de Lisboa, é um desafogo dos pulmões e dos olhos. Dos pulmões, que ali vão respirar largo o ar batido pelas vagas do Oceano e soprado pelas serras de Grandola e da Arrábida, dos olhos que ali vão abrir-se para horisontes rasgados que lhes mostram o recorte da costa, avistando do sul o Castelo de Palmela e os esfumados campos de Vendas Novas, até olhar para o largo a Torre do Bugio, olhos que ali vão ver o Tejo, que ali vão ver navios no alto de Santa Catarina!

O monte de Santa Catarina, fazia parte «in illo tempore» duma cordilheira — dê-se-lhe este nome — que do Castelo vinha por S. Roque, Chagas, Conde de Obidos... Um abalo sismico rasgou um dia o monte das Chagas, separando-o do monte de Santa Catarina, pelo vale da Bica.

O Cais do Sodré — a nossa segunda gravura — o terreiro onde se encontra «Ao Leme», está hoje bem ajardinado, mostrando um tapete garrido que os turistas e as elegancias que visitam ou habitam na Costa do Sol de Portugal pisam quando embarcam ou desembarcam pelas largas portas da moderna estação dos Caminhos de Ferro do Estoril.

Falando do Cais do Sodré merece fazer-se referencia ao edificio do «Mercado 24 de Julho», moderno e amplo, e ao edifício onde está instalada a Assistência Nacional aos Tuberculosos, fundada pela Rainha D. Amélia, que juntamente com a estação dos comboios do Estoril, recortam num bom «encadrement» o Caís do Sodré.

Do alto «o Gigante Adamastor», em baixo o homem «ao leme», lá estão hoje de olhos no Mar, nesse Mar a que a raça portuguesa de ontem abriu as estradas que a levou a todo o Mundo.

OS «DOENTES» DO SPORTING — O Bolota e o Capitania, dois febris entusiastas que, se o Sporting tivesse perdido o Campeonato, teriam de ser levados do campo para o Hospital